

LORMIER, Dominique. *Albert Roche, premier soldat de France, 1914-1918*. Paris: Le Retour aux Sources, 2020, 191p. ISBN: 978-1-9130057-57-2.

A Primeira Guerra Mundial é decerto um dos temas mais estudados do século passado, quer em seus traços gerais e suas consequências globais, quer em suas pequenas histórias ou fatos isolados. A quantidade de fontes e registros próprios da era contemporânea constitui um importante fator, que tornou possível todo o estudo desenvolvido em torno deste conflito mundial. Assim, até pareceria difícil analisar algo sobre esse tema já tão esmiuçado.

Desse modo, o mérito de Dominique Lormier reside especialmente na originalidade da apresentação dos combates ocorridos entre 1914-1918. Encarnando todo o denodo do bloco dos Aliados, mais precisamente do exército francês, na pessoa de Albert Roche, ressalta o desenrolar dos acontecimentos bélicos nas trincheiras, dos movimentos e troares de artilharia dos *fronts* montanhosos franco-alemães. Num discurso cronológico rigorosamente observado (mês a mês, sem omissão alguma), relata, de um lado, a sequência geral da guerra na zona ocidental e, de outro, os feitos incríveis de Roche.

Seria temerária a empresa não fosse Lormier um grande especialista da história militar com precípua enfoque nas duas Guerras Mundiais, autor de mais de cem obras, lugar-tenente-coronel da reserva e cavaleiro da Legião de Honra; predicados que lhe garantiram levar a

cabo esta irrepreensível, fundamentada e pormenorizada obra.

Albert Roche nasceu numa família camponesa, a 5 de março de 1895, em Réauville, França. Em 1913, foi rejeitado do serviço militar obrigatório de um país às vésperas de um conflito, malgrado o seu desejo de portar as armas. Mais tarde, porém, já começada a guerra, a 16 de dezembro de 1914, alistou-se voluntariamente, ainda que com desgosto e sem assentimento do pai, num corpo de exército de elite, especializado em áreas montanhosas. Distinguiu-se como caçador alpino (do 24° BCA, *Bataillon de Chasseurs Alpins*), ou seja, enquanto soldado de infantaria, conquistando numerosos troféus.

Revelava ser sempre prestativo para transmitir as mensagens entre os diversos postos, ainda que sob perigo do fogo alemão. Assaltou uma posição adversa por iniciativa própria (obviamente, com autorização do comandante), com um pugilo de companheiros, vencendo, não obstante a desproporção de número e de terreno. Sendo o único a não morrer numa trincheira que acabara de ser bombardeada por horas, defendeu-a sozinho, utilizando-se de uma proeza que diríamos fantasia de um Dumas, se não fosse o relato documentado de Lormier: com os fuzis dos mortos disparou de todos os lugares e modos, fazendo recuar um ini-

migo que julgou estar repleta a trincheira a ser ocupada.

Numa batalha acirrada, ao ver baquear seu capitão metralhado em pleno campo, correu em seu auxílio, levando-o à enfermaria após um longo percurso. Como não conseguiria voltar à batalha, já longínqua, deitou-se a fim de descansar. No entanto, foi acordado por um oficial que o arrastou a tribunal sumário para ser condenado ao fuzilamento imediato, pensando tratar-se de um desertor, uma vez que não existia outra testemunha a não ser o capitão que ele salvara e que jazia inconsciente numa maca. Porém, no último momento, chegou a ordem do capitão – que voltara a si –, determinando que cancelassem a execução.

Em quatro anos de guerra, capturou 1180 soldados, foi ferido por nove vezes, e condecorado com a Legião de Honra, a Medalha Militar, a Cruz de combatente voluntário e a Cruz de guerra com quatro palmas e oito estrelas, merecendo o elogio de Foch: “o primeiro soldado da França”.

Entretanto, cabe perguntar a origem de todo o heroísmo de Roche. Evidentemente, o cerne da formação de um homem se adquire na infância e sua personalidade, em plena juventude. Como, então, descreve Lormier a formação moral deste herói francês na sua mocidade? Apenas com as seguintes palavras: “educado na religião católica” (p. 23). A catolicidade foi o fator mais marcante – o único mencionado, aliás

– no talhar deste soldado. Catolicismo fecundo e todo orvalhado pelo pontificado de S. Pio X, que então cingia a tiara papal.

Contudo, mais que sobre a vida de Roche, a narrativa versa sobre a linha de combate que constituía a fronteira teuto-francesa.

Cumprir notar que o quadro geral do conflito apresentado ao longo do livro descreve as principais batalhas com abundante documentação e considerável número de pormenores, tais como a quantidade exata de peças de artilharia e seus calibres, os tipos de armamentos e proteções usados pela infantaria, a contagem de perdas de vidas, feridos, prisioneiros e território.

Não obstante o rigorismo histórico – e talvez devido a este – o Autor não alça suas considerações além do campo de batalha ou do gabinete do general, do mensurável material, do formato do capacete e do gênero de veículos utilizados. Aquelas transformações que não constam nos documentos e aqueles acontecimentos internos do homem que escapam ao registro metodológico são aspetos que Lormier julgou conveniente não inserir.

Quais os motivos? Podem ser vários. Um que salta aos olhos é o almejo que tem o Autor de ser muito claro, à custa de muita pesquisa e estudo. Porém, nunca é possível iluminar um objeto por inteiro; sempre haverá sombras. Ora, Lormier parece julgar que a his-

tória poderia ser aclarada de tal forma que não restassem mistérios ou dúvidas. E para tal, elimina os aspetos obscuros que a mestra da vida sempre deixa em seus palimpsestos.

Com efeito, a mocidade forte, decidida e bem formada, e que foi afofada, muitas vezes de forma arbitrária, num dilúvio estéril de sangue, deixou com sua morte uma sociedade fadada à decadência econômica e sobretudo moral, cujos exemplares mais salientes, as monarquias europeias (como as da Áustria-Hungria, da Alemanha e da Rússia), soçobraram após a guerra.

Que causa oculta teria incentivado essas modificações?

A posterior formação dos partidos nacionalistas por todo o mundo, o nazismo, o fascismo e o salazarismo surgidos quase concomitantemente após 1918, e o desaparecimento dos costumes cerimoniais, tradicionais e pomposos, termi-

nada a guerra, parecem ter sido gestados na falta de asseio das trincheiras.

Seja como for, são quesitos aos quais Lormier não se dedica neste seu livro, talvez por não ter qualquer intenção nesse sentido; ou por não desejar aventuras perigosas pelas esquinas sombrias da História.

De qualquer modo, o livro merece destaque pela densidade concernente aos fatos descritos em toda a sua minúcia e precisão; por sua seriedade acadêmica, sua imparcialidade política (apenas escorregando um pouco para o lado francês), por sua riqueza de informações, pelas descrições das batalhas em trincheiras e campos e pela presença de generais importantes como Foch, Pétain, Ludendorff, Hindenburg. Destarte, esta cativante história enriquecerá a todos que empreenderem a sua leitura.

Ângelo Francisco Martins